

Não vou tratar este assunto como já foi feito por pessoas competentes na azulejaria portuguesa. Neste caso os painéis das estações de caminho-de-ferro, alguns de qualidade reconhecida como os da Estação de São Bento, no Porto. Eu prefiro reunir memórias de viagens de pequeno curso que, desde a infância, me transportaram dum lugar ao outro, nesse matraquear das antigas carruagens com assentos forrados de bombazina e redinhas para a bagagem se o caso fosse de primeira classe.

A viagem de comboio tinha um cunho espirituoso. Sempre se encontravam pessoas raras, porque a província preservava o indivíduo e conservava o seu dialecto e os seus costumes. Eram recoveiras, caixeiros-viajantes, gente do negócio e do contrabando, estudantes em férias ou que as tinham terminado, padres e professores; e um sem-número de passageiros precavidos com um farnel de pombos estufados em vinho do Porto e cavacas de Resende. Comida de gente regalada e antiga como havia na província profunda.

No tempo em que eu era membro da Comunidade Europeia dos Escritores, conheci um escritor russo de quem fiquei em más relações (tão boas como outras quaisquer) e a quem eu disse um dia:

— A ideia que eu tenho da Rússia é uma paisagem de neve onde passa um comboio. A neve cai e o fumo do comboio estende-se sobre o tejadilho e tudo tem um ar de tristeza pura e que conduz a alma para regiões que só a ela pertencem.

Como disse, as nossas relações azedaram-se e não nos vimos mais. Mas recebi, um Natal, um postal da União dos Escritores Soviéticos, de que ele era presidente, um postal com a tal paisagem: o comboio que atravessava um campo de neve, tendo em primeiro plano um bosque de vidoeiros. Creio que eu tinha referido os vidoeiros, tão comuns no panorama russo. Foi uma delicada maneira de acenar com uma bandeira de paz, e para sempre guardo a ideia dum comboio ao longe como se fosse uma mensagem de terna conciliação.

O comboio sempre me pareceu ter qualquer coisa de profético. Abria-se a portinhola duma carruagem e imediatamente se abria na imaginação um processo romanesco. Tratávamos de divisar os passageiros e explorar a réstia de conforto que podíamos partilhar. Era o prelúdio duma viagem que podia ser o primeiro capítulo duma história.

Eu vivia, pelo menos durante algum tempo, no delicioso Vale de Jugueiros, que foi descrito como um dos mais belos do mundo. Hoje está degradado por um urbanismo que o descaracterizou mas, de longe, do alto de Fontelas, por exemplo, tem ainda um carácter grandioso, com a bacia da Régua e o monte de São Domingos em frente. O monte de São Domingos tem a pedra da fecundidade onde os casais estéreis iam procurar a cura; como foi D. João II com a sua mulher D. Leonor. Às vezes a fatalidade acompanha o favor dessa união extremosa com o milagre.

Dizia eu que o Vale de Jugueiros era um prodígio de beleza, com as suas quintas de rechão e os telhados pintados de cal para defenderem do calor. Ao fundo, já perto da fita cristalina do rio, corria o comboio. Eu conhecia-os todos e, com

eles, a tabela a que obedeciam, os comboios-correio, os trâmueis, os de mercadorias, o da noite com luzinhas remotas e docemente fugidias, como se fossem ovelhas que pastassem num céu de trevas. A viagem para o Porto fazia-se de maneira grave e saudosa. Só faltava, como nos contos russos, sentarem-se todos à roda da sala e trocarem suspiros e recomendações; e muitas bênçãos, porque os velhos podiam morrer entretanto e os novos perderem-se nas encruzilhadas da vida. Acenava-se das janelas com toalhas e quem ia no comboio surpreendia aquelas asas brancas a dizer adeus. Dizer adeus era um ritual de festa com lágrimas. Tinha-se o sentimento da separação, de perda dolorosa. Depois tudo voltava ao normal, as criadinhas corriam para a horta a cortar as couves e os espigos, calcando os tomates podres no chão. Ouvia-se a água cair dos canos nos tanques; havia sempre roupa ensaboadada e fetos novos a sair dos muros. E quem tinha um jardim de Inverno nas varandas envidraçadas.

O grande tempo do Douro desapareceu. Como grande tempo de qualquer lugar, até de Nova Iorque com a sua burguesia tradicional que vinha a Paris comprar os vestidos para o desfile da Primavera na Avenida não sei quantos.

O comboio esteve sempre na minha gente do Douro como um destino, um modo de vida e um pretexto de aventura. Meu avô considerou-se durante toda a vida um *cheminot*, solidário, crítico, formado na dura estrada dos *rails*, habituado a não ter fronteiras, só linhas férreas, fazendo amigos de muitas nações, vencendo distâncias com o teodolito assente nas pedras. Fez a linha de Barca d'Alva, e andou em África a conduzir as obras de Benguela. Passou por muitos e ásperos caminhos, os filhos iam nascendo e morrendo nos lugares onde fazia amigos e deixava memória, voltando à terra de origem quando se preparava para as últimas despedidas. O Douro era o berço e foi o túmulo também. Ainda lá está

o jazigo que foi moderno quando mal se produzia obra de cimento armado, concebido para guardar os restos fúnebres na profunda cave, julgamos nós que para sempre. Os cemitérios portugueses merecem uma meditação escrita. Estão feitos à medida da gente que os habita, que são tanto os mortos como os vivos. Tudo são alusões ao que se passa no mundo, uma festa consoladora das suas tribulações.

Mas agora temos outra festa que descrever, que são os azulejos dos caminhos-de-ferro e que referem os trabalhos da região. Começo pelos bonitos painéis do Pinhão, onde se concentram os quadros tão conhecidos das vindimas do Douro. Os cestos altos que os homens carregavam sobre a mochila pelos socalcos das vinhas aqui têm um ar de abundância, cheios do português azul que era a uva de maior produção. E a mulher, com o lenço de pontas dobradas na cabeça, tem o efeito decorativo, não é nenhuma das que eu conheci, a Adelaide Celeste, com uma figura de Prosérpina indignada, ou a senhora Ritinha, mãe de dezoito filhos e ligeira como uma fada, mal pousa no chão os chinelos de pano que ela própria coseu e talhou. A pobreza tem idílios com a poupança. Tinha, conheci esse labor de mulheres de muitas habilidades e conversas. Havia as costureiras, chamadas para costurar roupa grosseira, aventais de riscado, blusas de jardineiros, remendar lençóis de linho, emendar a roedela dos ratos nos sacos da azeitona. Falavam ao som da máquina de costura, paravam para encher os carretos e enfiar as agulhas. As janelas que davam para o telhado descobriam as vinhas com oliveiras a demarcá-las. Um calor pesado abatia-se sobre as casas, não se ouvia ninguém na calçada, parava em baixo um carro de aluguer. Uma vizinha com o filho ao colo vinha espreitar, pousando no peitoril o prato de batatas com azeite verde, que a criança comia entre saltos de felicidade. Esse amor alimentar e sagrado já não é a mesma coisa. Se-

minua, a criança gritava de alegria, e essa imagem de puro entusiasmo jamais se apagou da minha memória.

Os comboios faziam parte do nosso horário mental. Sobre-tudo os comboios da tarde e aquele abrandar como o dum dragão que expele fumo e resiste a ser dominado. Na Estação dos Quatro Caminhos detinham-se todos, viam-se os passageiros nas carruagens a apeiar as bagagens e a pegar nas crianças, a puxar as mangas de dentro que ficavam franzidas, e a dar ordens para todos os lados. A excitação da viagem só era visível no comboio antigo, aquele cujo apitar rompia a clara luz da manhã. Era um comboio que bebia água como um camelo, e isso dava-lhe um direito de pertencer ao reino animal. Ia-se ao Porto no comboio; toda a gente, ricos e pobres viajavam assim, as recoveiras, os lavradores, as criadas que iam servir na cidade, as meninas que iam a banhos à Foz ou estudar, ou simplesmente visitar os parentes e procurar um noivo. O filho da Rosa cega, ele cego também, entrava numa estação e saía na outra para pedir. Parecia um assalto, tinha os olhos brancos de névoas, mas o sorriso punha-o a salvo de imprecações e maus juízos.

As carruagens de primeira classe: os estofos cor de mel, as redes grossas onde às vezes se acomodavam os meninos já grandotes, para não pagar bilhete, tinham um tom elegante e ligeiramente dramático. Como se tivessem ainda o perfume de mulheres bonitas e galãs de chapéu de palhinha. Ninguém levava farnel nas carruagens de primeira classe. Às vezes, alguém comprava água fresca na Ermida ou uma regueifa em Valongo. Mas era tudo muito discreto, muito digno, não se tirava o chapéu nem as luvas nem se abanava o rosto com um papel pregueado. Havia quem lesse um livro durante todo o tempo, as *Décadas* de João de Barros, não se pode imaginar maior presunção. Levantavam os olhos de vez em quando para gozar a impressão que faziam.